

The background is a vibrant orange with large, stylized letters and symbols in red and yellow. The letters include 'A', 'n', 'i', 'S', 'f', 'y', and 'r'. There are also quotation marks and a solid red circle. The text 'Exames de Certificação - FILOSOFIA - Ensino Médio' is written in white on a dark red rectangular background.

Exames de Certificação - FILOSOFIA - Ensino Médio



EJA

Educação de

Jovens e Adultos

NÚCLEO DE EXAMES DE CERTIFICAÇÃO

MATERIAL DE ESTUDO

FILOSOFIA – ENSINO MÉDIO

<i>Introdução à Filosofia</i>	<i>4</i>
<i>O Nascimento da Filosofia</i>	<i>9</i>
<i>O Mito</i>	<i>19</i>
<i>Natureza e Cultura</i>	<i>24</i>
<i>Trabalho e Alienação</i>	<i>26</i>
<i>Ideologia</i>	<i>30</i>
<i>O Conhecimento</i>	<i>33</i>
<i>Lógica e Argumento</i>	<i>41</i>
<i>Filosofia das Ciências</i>	<i>45</i>
<i>Ética e Moral</i>	<i>46</i>
<i>Política e Democracia</i>	<i>50</i>
<i>Cultura</i>	<i>60</i>
<i>Estética</i>	<i>61</i>
<i>Gabarito</i>	<i>63</i>
<i>Referências bibliográficas</i>	<i>64</i>

Capítulo 1

Introdução à Filosofia

O que é Filosofia?
A importância da Filosofia
Atitude Filosófica?
O objeto da Filosofia
Principais áreas da Filosofia

FILOSOFIA

O QUE É FILOSOFIA?

A palavra *filosofia* é de origem grega, e é composta por duas outras palavras: *philo* e *sophia*. **Philo** quer dizer “amizade e amor fraterno”, e **sophia** significa “sabedoria”, deriva-se da palavra *sophós*, que quer dizer sábio.



Filosofia, portanto, significa “amizade pela sabedoria” ou “amor e respeito pelo saber”. **Filósofo** é aquele que ama ser sábio, ou tem amizade pelo saber, deseja ser sábio. Assim,

Filosofia indica a disposição interior de quem estima o saber, ou o estado de espírito da pessoa que deseja o conhecimento, que o procura e o respeita.

A palavra Filosofia foi utilizada pela primeira vez por **Pitágoras** de Samos (Séc. V a.C.). Segundo Cícero (Apud Teles, 1977, p. 10). Quando o príncipe Leonte perguntou a Pitágoras em que arte era versado, respondeu-lhes que em nenhuma. Era um filósofo, isto é, *um estudioso e amigo da sabedoria: um philo-shofos*”.

Mas o que é Filosofia? É quase impossível conceituá-la rapidamente e em poucas palavras. Mesmo existindo há bem mais de dois milênios, encontram-se sérias dificuldades para dizer precisamente o que de fato ela é. Pelos exemplos a seguir, percebe-se que isso é verdade:

- **Aristóteles:** Filosofia é a totalidade do saber;
- **René Descartes:** É a sabedoria;
- **John Locke:** Uma reflexão crítica sobre a existência;
- **George Politzer:** É uma concepção geral do mundo.

Como podemos ver, Filosofia é uma palavra que quase todas as áreas de conhecimento usam, mas que não encontram uma conceituação precisa.

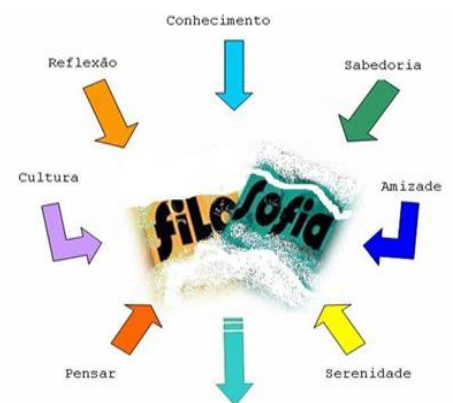
Uma definição clássica sobre o que é a Filosofia diz o seguinte: *Ciência que reúne o estudo das questões essenciais relacionadas à existência do ser humano nos aspectos do conhecimento, da busca da verdade, dos valores morais (o que é certo, o que é errado?), dos conceitos estéticos e culturais (o que é belo, o que é feio?).*

Dessa forma a **FILOSOFIA** surge como uma reflexão crítica sobre o conhecimento e sobre o mundo:

- ▶ *Um questionamento da realidade, procurando as causas e os princípios das coisas: é a procura do saber.*
- ▶ *Surge da necessidade do Homem explicar o mundo e o sentido da sua existência, pelo que não se satisfaz com respostas imediatas e superficiais, procurando sempre, sem cessar, melhorar todo o seu saber.*

A IMPORTÂNCIA DA FILOSOFIA

Há muito tempo tentamos entender o **sentido da vida**, os motivos que nos levam a amar ou odiar algo, entender porque estamos aqui, procurar compreender o que é bom e mau. Todas estas são questões filosóficas. Ainda que de forma inconsciente, o homem vivencia a filosofia em seu dia a dia, pois ela é o exercício de pensar, de chegar à verdade, é necessária para a educação, pois na educação o conhecimento se constrói, se eleva.



Daí a importância da Filosofia, “o amor ao saber”, ser de essencial **importância**, principalmente no processo educativo, como disciplina contribuindo para que o aluno chegue a uma autorreflexão, argumentativa e crítica para a sociedade.

O papel da Filosofia hoje é o mesmo desde os tempos dos primeiros filósofos, procurar a razão, levantar questionamentos, procurar a verdade e se privar do próprio ponto de vista para encarar a realidade que nos rodeia.

Com a ajuda da Filosofia (nomeadamente da Lógica) aprendemos a argumentar corretamente, a fim de podermos expressar e justificar as nossas opiniões, bem como provocar a livre adesão dos nossos interlocutores. Através do desenvolvimento de um raciocínio lógico é possível a organização coerente dos pensamentos e a avaliar a validade dos argumentos que nos apresentam, contribuindo para **desenvolver a autonomia do espírito crítico**.

Vivemos em sociedade, precisamos nos comunicar, expor as nossas ideias e defender os nossos pontos de vista. Se o fizermos com rigor e clareza, tudo se torna mais fácil e conseguimos fazer com que as nossas ideias sejam mais bem compreendidas e aceitas intelectualmente pelos nossos interlocutores.

ATTITUDE FILOSÓFICA?

Atitude é uma **norma de procedimento** que leva a um determinado **comportamento**. É a concretização de uma **intenção** ou **propósito**.

Atitude filosófica é uma atitude crítica e criativa frente à realidade posta pelo mundo. A atitude filosófica é crítica porque o ser humano tomado por tal atitude duvida das verdades estabelecidas pela sociedade, como por exemplo, as regras estabelecidas que são postas em dúvida e, dessa maneira, o homem e a mulher tomados pela crítica fundamentam as suas crenças e não ficam alienados frente às verdades que o meio lhe impõe.

Significa, portanto, não aceitar algo que é considerado como verdade absoluta sem antes pensar sobre essa determinada "suposta verdade". É ter pensamento crítico e não se basear no senso comum, que muitas vezes pode levar a enganos.

A partir dos problemas que o indivíduo se conscientiza, ele constrói novos mundos. Tudo isso através da sua criatividade que é dada, sobretudo, por causa da sua atitude filosófica de ter uma posição não-passiva diante dos problemas e, assim, cria soluções para os problemas.

O OBJETO DA FILOSOFIA

O objeto da Filosofia não é diferente da realidade abordada pelas outras ciências. Até o século XVII, A Filosofia possuía uma vasta área de estudo. No entanto, a partir desta época vão se constituindo as ciências particulares (Física, Astronomia, Psicologia, Sociologia), delimitando um campo de saber específico para cada uma. Assim, enquanto cada ciência “especializada” ocupa-se em observar e explicar “recortes” do real, a Filosofia procura estudar a realidade do ponto de vista de sua totalidade ou racionalidade.

Além disso, ainda é importante salientar que a Ciência interpreta a realidade, procurando mostrar como os fenômenos ocorrem, quais as suas relações e, assim, como prevê-los. A Filosofia, no entanto, além de ajudar a interpretar a realidade, julga o valor do conhecimento e da ação, busca o significado deles e reflete sobre as possibilidades futuras da humanidade.

PRINCIPAIS ÁREAS DA FILOSOFIA

Algumas das áreas de estudo e atuação da Filosofia são: Política, Teoria do Conhecimento, Ética e Moral, Lógica, Estética e Arte, Metafísica ou Ontologia, Antropologia Filosófica, Filosofia da Linguagem, História da Filosofia e Filosofia da Ciência ou Epistemologia.

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM



1. A Filosofia tem como objetivo principal o pensamento racional. Assinale qual das alternativas que melhor se identifica com esse pensamento.
 - a) A crença religiosa, pois nesta, a verdade nos é apresentada através da revelação divina.
 - b) O êxtase místico, que nos impulsiona ao espírito crítico.
 - c) As emoções, que nos auxiliam nessa busca do raciocínio.
 - d) A tradição, pois é baseada na sabedoria dos antigos.
 - e) O conhecimento das ciências, entendido como dotado de progresso, de continuidade.

2. Sobre a caracterização, conceituação e importância da Filosofia, identifique a alternativa que não é verdadeira.
 - a) Ao contrário das outras ciências, a Filosofia não pretende explicar fatos;
 - b) Ética e Moral são ramos de estudo da Filosofia;
 - c) Um trabalho de reflexão que ajuda a nortear a ação das pessoas;
 - d) Uma reflexão crítica sobre o conhecimento e sobre o mundo;
 - e) Pitágoras de Samos foi quem usou pela primeira vez a palavra Filosofia.

Capítulo 2

O Nascimento da Filosofia

Contexto histórico
Os pré-socráticos
Os sofistas
Sócrates
Platão
Aristóteles
Períodos históricos da Filosofia

FILOSOFIA

A Filosofia teve seu início na Grécia antiga no *final do século VII a.C e início do século VI a.C*, nas colônias gregas da Ásia menor (particularmente as que formavam uma região denominada Jônia), na cidade de Mileto.

CONTEXTO HISTÓRICO

Uma série de fatores que contribuíram para o surgimento da Filosofia na Grécia Antiga é elencada por Chauí (1998, p. 31-32), dentre os quais apontamos:

- **As viagens marítimas:** permitiram aos gregos descobrir que os locais que os mitos diziam ser habitados por deuses, titãs e heróis eram, na verdade, habitados por outros seres humanos; e que as regiões dos mares que os mitos diziam ser habitadas por monstros e seres fabulosos, não possuíam nenhum desses elementos. Essas viagens produziram o desencantamento ou a *desmitificação do mundo*, que passou, a exigir uma explicação sobre a origem, explicação que o mito já não podia oferecer;
- **A invenção do calendário:** que é uma forma de calcular o tempo segundo as estações do ano, as horas do dia, os fatos importantes que se repetem, revelando, com isso, uma capacidade de abstração nova, ou uma percepção do tempo como algo natural e não como um poder divino incompreensível;



➤ ***A invenção da moeda:*** permitiu uma forma de troca que não se realiza como escambo ou em espécie (isto é, coisas trocadas por outras coisas) e sim uma troca abstrata, uma troca feita pelo cálculo do valor semelhante das coisas diferentes, revelando, portanto, uma nova capacidade de abstração e de generalização;

➤ ***O surgimento da vida urbana:*** com predomínio do comércio e do artesanato, dando desenvolvimento a técnicas de fabricação e de troca, e diminuindo o prestígio das famílias da aristocracia proprietária de terras, por quem e para quem os mitos foram criados;



➤ ***A invenção da política:*** O surgimento de um espaço público fez aparecer um novo tipo de palavra ou discurso, diferente daquele que era proferido pelo mito.

➤ ***A invenção da escrita alfabética:*** revela o crescimento da capacidade de abstração e de generalização, uma vez que a escrita alfabética ou fonética, diferentemente de outras escritas – como os hieróglifos egípcios – não representa uma imagem da coisa que está sendo dita, mas utiliza um sinal ou signo abstrato (uma palavra) correspondente a ela.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

O surgimento da Filosofia foi marcado pelas preocupações físicas e cosmológicas, ou seja, pela busca do conhecimento do mundo natural, sua origem e constituição. A preocupação pela *arché* (princípio fundamental que dá origem a todas as coisas) empreendida pelos primeiros filósofos sempre se caracterizou pela tentativa de encontrar uma explicação racional para a origem, composição, sustentação e transformação da natureza (*physis*).



Esses primeiros filósofos, os **pré-socráticos**, assim chamados, viveram na Grécia entre os anos 700 a 400 a.C., numa época anterior a Sócrates.

Nesse tempo distinguimos várias escolas. Dessas, as mais importantes são:

- **Escola Jônica:** Seus representantes mais ilustres são: Tales de Mileto (625-546 a.C.), considerado o primeiro filósofo; Anaximandro (610-547 a.C.), Anaxímenes (585-528 a.C.) e Heráclito (540-470 a.C.);
- **Escola Pitagórica:** deve o nome a seu fundador, Pitágoras (580-500 a.C.). Outros pensadores: Filolau (século V a.C.), Arquitas (século IV a.C.);
- **Escola Eleata:** representada por Parmênides (504-430 a.C.), Xenófanes (570-480 a.C.), Zenão (495-430 a.C.).
- **Escola Pluralista:** é composta por Empédocles (484-421 a.C.), Leucipo de Mileto (500-430 a.C.) e Demócrito de Abdera (460-370 a.C.).

OS SOFISTAS

Os sofistas eram professores ambulantes, de diversas partes da Grécia, sobretudo de Atenas. Exerciam o ensino de forma profissional, remunerados pelos próprios alunos. Atuaram em meados do século V a.C. Os mais importantes foram Protágoras (485-410 a.C.), Górgias (484-375 a.C.) e Pródicos (460 - ? a.C.). *Sofista significa mestre de sabedoria.*



PARA NÃO ESQUECER!
Quem eram os sofistas?



Eram professores viajantes que, por determinado preço, vendiam ensinamentos práticos de Filosofia, também conhecidos por “*aqueles que se dedicavam a instruir e a educar os cidadãos atenienses interessados em participar na vida da cidade-Estado*”. Naquela época, os sofistas significavam **mestres do saber** (*sophistés*).

Os sofistas captaram as mudanças causadas pelo exercício da democracia e passaram a preparar os líderes políticos para os novos tempos. Era preciso aprender a dialogar com os cidadãos, de cujos votos dependia a organização da sociedade.

O que diziam os sofistas? Diziam que os ensinamentos dos filósofos cosmologistas estavam repletos de erros e contradições e que não tinham utilidade para a vida da *pólis*. Apresentavam-se como mestres da oratória ou retórica (arte de falar em público), afirmando ser possível ensinar os jovens tal arte para que fossem bons cidadãos.

Que arte era essa? A arte da ***persuasão***. Os sofistas ensinavam técnicas de persuasão aos jovens, que aprendiam a defender determinada posição ou opinião, depois a posição ou opinião contrária, de modo que, numa assembleia, soubessem ter fortes argumentos a favor ou contra uma opinião e ganhassem a discussão.

SÓCRATES (469 – 399 a.C.)

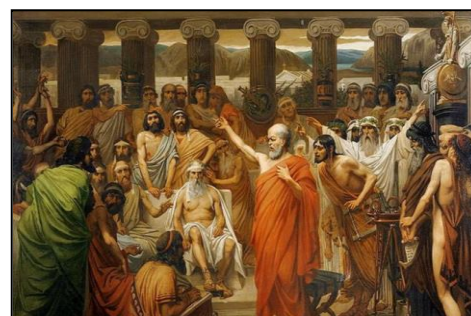
Sócrates é tradicionalmente considerado um marco divisório da história da Filosofia grega. Por isso, os filósofos que o antecederam são chamados pré-socráticos, e os que o sucederam, pós-socráticos.



Sócrates desenvolveu um método próprio de análise filosófica, denominado de **"maiêutica"** (em grego "parto das ideias"), o qual tem como objetivo possibilitar ao homem o conhecimento de si mesmo. A maiêutica consiste em fazer perguntas e analisar as respostas de maneira sucessiva até chegar à verdade ou contradição do enunciado. Ela estimula o pensamento a partir daquilo que não conhece, ou seja, pela ignorância. Daí a sua famosa frase: "eu só sei que nada sei". Era a **maiêutica** que intermediava o nascimento de um novo ser; o nascimento da verdade. A partir daí, Sócrates começava a segunda parte do processo, que consistia em estimular o interlocutor a procurar em seu interior os conceitos verdadeiros. Ele se considerava um parteiro, mas de ideias.

O papel do filósofo, portanto, não é transmitir um saber pronto e acabado, mas fazer com que outro indivíduo, seu interlocutor, através da dialética, da discussão no diálogo, dê à luz a suas próprias ideias. A dialética socrática opera inicialmente através de um questionamento das crenças habituais de um interlocutor, interrogando-o, provocando-o a dar respostas e a explicitar o conteúdo e o sentido dessas crenças. Em seguida, frequentemente utilizando-se de ironia, problematiza essas crenças, fazendo com que o interlocutor caia em contradição, perceba a insuficiência delas, sinta-se perplexo e reconheça sua ignorância.

As praças públicas eram sua sala de aula. Sua metodologia baseava-se no conhecimento próprio. Tomando como lema o "conhece-te a ti mesmo" (inscrito no templo de Apolo), ajudava os



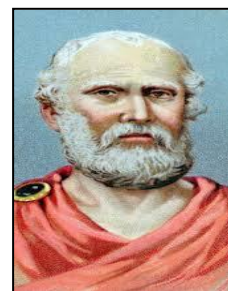
interlocutores a encontrar a verdade das coisas e conceitos. Por meio do diálogo de sucessivas perguntas e respostas, o aluno acabava reconhecendo que seu conceito de justiça, por exemplo, não estava correto. Essa primeira parte do processo é chamada de **ironia** (interrogação, em grego).

As ideias de Sócrates e a sua forma de educar fizeram com que entrasse em conflito com as autoridades conservadoras, o que lhe custou a vida. No ano 399 a.C. Sócrates foi acusado de corromper a juventude e desdenhar o culto aos deuses tradicionais. Foi condenado a beber cicuta, uma planta venenosa.

Para reter: É ESTE O SENTIDO DA CÉLEBRE FÓRMULA SOCRÁTICA “Só sei que nada sei”, a idéia de que o reconhecimento da ignorância é o princípio da sabedoria. A partir daí o indivíduo tem o caminho aberto para encontrar o verdadeiro conhecimento, afastando-se do domínio da opinião.

PLATÃO (428 – 347 a.C.)

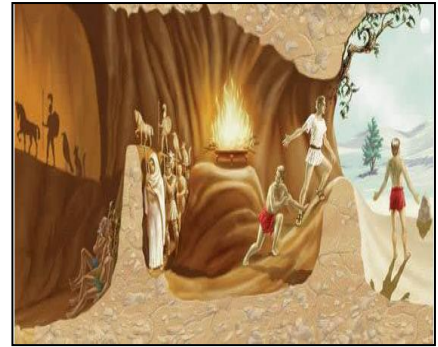
Platão nasceu em Atenas (seu verdadeiro nome era Arístocles) e pertencia a uma família de nobres. Foi um dos maiores pensadores da história da Filosofia. Aos 18 anos conheceu Sócrates, que foi seu mestre até ser condenado à morte. Após a morte deste, Platão saiu de Atenas e realizou várias viagens. Quando retornou fundou sua escola denominada de Academia.



Platão retomou os conceitos e valores universais do mestre, introduzindo uma modificação: eles são apenas representações de outro mundo, ao qual denominou ***mundo das ideias***. Esse mundo constitui a verdadeira realidade, só alcançável pelos filósofos, amigos da sabedoria, por meio do intelecto.

Escreveu ***A República***, escrito no século IV a.C. uma obra clássica, onde coloca que o mundo em que vivemos é apenas uma sombra do mundo das ideias. Ele explica isso por meio da alegoria do **mito da caverna**. Numa caverna, homens amarrados

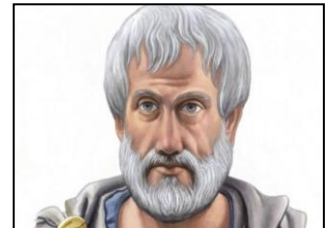
diante de uma tela só conseguem ver a sombra das coisas e pessoas que são projetadas pela luminosidade de uma fogueira posta atrás deles, como uma sessão de cinema.



Na alegoria platônica, a caverna sombria é o nosso mundo cotidiano percebido pelos sentidos. O sol é a luz da verdade a iluminar essências eternas (as ideias) das quais apenas percebemos sombras móveis. Libertar-nos das impressões sensoriais, para vermos as coisas como realmente são, é tarefa do filósofo.

ARISTÓTELES (384 – 322 a.C.)

Aristóteles foi aluno de Platão, que por sua vez foi discípulo de Sócrates. Dos três, Aristóteles foi o que exerceu maior influência. Ele liderou a história da Filosofia até o século XVIII, e ainda hoje suas obras servem de base para os novos desdobramentos do saber. Aristóteles discordou de seu mestre Platão em relação à teoria do conhecimento. Para ele, as ideias, ou seja, os conceitos não são eternos nem habitam um mundo à parte. O conceito universal é formado a partir dos conhecimentos dos sentidos. Por um processo de abstração, o intelecto elimina os aspectos particulares dos seres e fica apenas com a essência. Por exemplo, a ideia que temos de cavalo, não tem cor, raça ou tamanho.



O conhecimento é adquirido por dois processos: a dedução e a indução, ambos essenciais para a formação das ciências. A dedução parte do geral para o particular. Por exemplo: todos os homens são mortais. Ora, Paulo é homem. Logo, Paulo é mortal. A indução, ao contrário, parte do particular para o geral: o ferro, o alumínio e o cobre transmitem eletricidade. Logo, todos os metais transmitem eletricidade. É pela indução que os cientistas testam os medicamentos. Funcionando em um número razoável de pessoas, é estendido para todos. Como se sabe, a eficácia da indução não é cem por

cento garantida. Poderá, por exemplo, haver um metal que não transmita a eletricidade ou um medicamento que não produza a eficácia esperada.

PERÍODOS HISTÓRICOS DA FILOSOFIA

1) Filosofia Grega: A Filosofia grega está dividida em três períodos:

- **Período Pré-socrático** (séculos VII a V a.C.): corresponde ao período dos primeiros filósofos gregos que viveram antes de Sócrates. Os temas estão centrados na **natureza**, do qual se destaca o filósofo grego Tales de Mileto.
- **Período Socrático** (século V a IV a.C.): também chamado de período clássico, nesse momento surge a democracia na Grécia Antiga. Seu maior representante foi o filósofo grego Sócrates que começa a pensar sobre o **ser humano**. Além dele, merecem destaque: Aristóteles e Platão.
- **Período Helenístico** (século IV a.C. a VI d.C.): Além de temas relacionados com a natureza e o homem, nessa fase os estudos estão voltados para a realização humana por meio das virtudes e da busca da felicidade.

2) Filosofia Medieval: Desenvolveu-se no período que vai do século VIII ao XIV. Seus espaços foram, principalmente, os mosteiros e ordens religiosas europeias, onde a Igreja Católica tinha hegemonia.

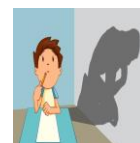
Entretanto, houve manifestações filosóficas fora do mundo cristão, em especial no mundo árabe e judeu. A Filosofia Medieval foi uma das responsáveis pela criação das universidades. Sua principal discussão: a relação entre a fé e razão, ou seja, a tentativa de separar o que pertenceria a Deus (Teologia) e que pertenceria aos homens (Filosofia).

3) Filosofia Moderna: Iniciada no séc. XIV, A Filosofia Moderna se estende até o final do séc. XVIII, no continente europeu. Nessa época, a Europa foi palco do desenvolvimento do capitalismo, da formação dos Estados Nacionais, das grandes navegações e dos processos de colonização e formação dos impérios.

A Igreja Católica dividiu a hegemonia com o protestantismo e com as ideias que incentivavam à liberdade do homem frente à religião.

4) Filosofia Contemporânea: Estende-se do final do século XVIII até os nossos dias. É possível dizer que seus fundamentos se inspiram na Revolução Francesa e na Revolução Industrial, com a crescente desumanização do processo social de produção. Seu espaço central ainda é a Europa, mas cada vez mais atinge outros espaços, como por exemplo, os Estados Unidos.

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM



3. A Filosofia, ao surgir nas colônias da Grécia Antiga (séculos VII e VI a.C.), deve seu contexto:
 - a) Ao aparecimento de Sócrates como pensador;
 - b) À sistematização da teologia, da mitologia e da lógica;
 - c) Ao aparecimento dos sofistas e dos pitagóricos;
 - d) Às viagens marítimas, ao surgimento da moeda e da cidade, entre outros;
 - e) Ao descobrimento das Américas.

4. A Filosofia surgiu devido à preocupação de compreender o mundo natural, sua origem e constituição, de uma forma racional e lógica. Os primeiros homens que tiveram essa preocupação foram chamados de “físicos”, e hoje nós os conhecemos como os:
 - a) Sofistas
 - b) Pré-socráticos
 - c) Poetas
 - d) Rapsodos
 - e) Mitos

5. **“Só sei que nada sei”**, famosa frase atribuída ao filósofo grego Sócrates que significa um reconhecimento da própria ignorância da parte do autor. Sócrates desenvolveu um método de análise filosófica que tem como objetivo possibilitar ao homem o conhecimento de si mesmo. Esse método é denominado de:
- a) Pitagórico
 - b) Socrático
 - c) Maiêutica
 - d) Filosofia
 - e) Mundo das ideias
6. A quem pertence a principal discussão entre a fé e razão, ou seja, a tentativa de separar o que pertenceria a Deus (Teologia) e que pertenceria aos homens (Filosofia)?
- a) Os pré-socráticos
 - b) Os poetas rapsodos
 - c) A persuasão
 - d) A escola Eleata
 - e) A Filosofia Medieval

Capítulo 3

O Mito

Mito na Grécia
Função do Mito
Do Mito ao Logos
Diferença entre Filosofia e Mito
O Mito hoje

A palavra mito vem do grego *mythos* e significa, basicamente, contar, falar alguma coisa para os outros. Diante disso, podemos dizer que o mito é uma “narrativa pertencente” à tradição cultural de um povo que explica, mediante o apelo ao sobrenatural, divino e ao misterioso, a origem do universo, bem como o funcionamento da natureza e o surgimento dos valores básicos da sociedade.

A consciência mítica surgiu a partir da necessidade dos vários povos e das civilizações de encontrar respostas as suas indagações fundamentais, ou seja, aquilo que confere sentido à sua existência.

MITO NA GRÉCIA

Para os gregos, o mito era um discurso pronunciado para os ouvintes que recebiam como verdadeiras a narrativa, porque confiavam naquele que narrava. Era uma narrativa publica baseada na confiabilidade da pessoa do narrador. Tal autoridade fundava-se no fato do narrador ter presenciado o acontecimento narrado ou ter recebido a narrativa de quem, de fato, o presenciou.

A Caixa de Pandora

Mito utilizado para explicar a origem da mulher e da existência dos vários males do mundo.



Quem narrava o mito era o poeta, chamado *Rapsodo*. Havia entre os gregos, a crença de que os poetas eram pessoas escolhidas pelos deuses, que lhes permitiam acesso aos mistérios que cercavam a organização da natureza e a origem de todos os seres. O fato de o narrador ser uma

escolha divina atribuía ao mito um caráter sagrado, portanto, não podia ser contestado, pois os deuses eram inquestionáveis.

O mito narra a origem do mundo e de todas as coisas que nele existem por meio das:

- Relações sexuais entre forças divinas pessoais (deuses).
- Rivalidade ou aliança entre estes deuses que fazem surgir alguma coisa.
- Recompensas ou castigos que os deuses dão a quem os desobedecem ou a quem os obedecem.

Apesar de fantásticos e com elevada dose de ficção, os mitos gregos eram impregnados de sabedoria e conhecimento sobre o universo humano, com suas paixões e seus problemas existenciais, bem como da necessidade da existência de regras que possibilitassem a vida em comum.

Na Grécia Antiga, a natureza inteira relacionava-se com as potências divinas, cada uma das divindades tinha seus atributos e funções básicas. Além disso, todas as atividades humanas eram representadas por determinadas divindade e muitos heróis eram considerados ancestrais de determinado povo, família ou clã.

FUNÇÕES DO MITO

O mito possui três funções principais:

- **Explicar** – o presente é explicado por alguma ação que aconteceu no passado, cujos efeitos não foram apagados pelo tempo, como por exemplo, uma constelação existe porque, há muitos anos, crianças fugitivas e famintas morreram na floresta, mas uma deusa levou-as para o céu e transformou-as em estrelas.
- **Organizar** – as relações sociais, de modo a legitimar e



O Mito de
PROMETEU

Esse mito foi narrado para explicar a criação do homem. Prometeu roubou o fogo escondido no Olimpo para entregá-lo aos homens, fez do limo da terra um homem e roubou uma fagulha do fogo divino a fim de dar-lhe vida.

determinar um sistema complexo de permissões e proibições. O mito de **Édipo** existe em várias sociedades e tem a função de garantir a proibição do incesto, por exemplo. O “castigo” destinado a quem não obedece às regras funciona como “intimidação” e garante a manutenção do mito.

- **Compensar** – o mito conta algo que aconteceu e não é mais possível de acontecer, mas que serve tanto para compensar os humanos por alguma perda, como para garantir-lhes que esse erro foi corrigido no presente, oferecendo uma visão estabilizada da Natureza e do meio que a cerca.

Esse tipo de narrativa era pertinente para responder aos questionamentos até que, a partir do século VII a.C. as explicações oriundas dessas histórias iam deixando de satisfazer os primeiros filósofos gregos - *os pré-socráticos*. Dessa forma, o mundo passou a ser investigado através da razão, priorizando o natural em detrimento do sobrenatural.

DO MITO AO LOGOS

À medida que a sociedade grega se aprimorava, as narrativas míticas não davam conta de fornecer as explicações sobre o universo, a sociedade e o próprio homem, de forma que a cosmogonia e a *teogonia* dos mitos cederam lugar à cosmologia filosófica.

Os primeiros filósofos, assim como os poetas gregos Homero e Hesíodo, buscam uma explicação para a relação entre o caos e a ordem do mundo. A maneira de entender essa relação é que muda. Enquanto o poeta vê os deuses como os responsáveis por tudo o que existe e acontece, os antigos pensadores preferem partir das formas da natureza (terra, água, ar e fogo) para entender a vida e o universo.

Dessa forma, o que caracteriza a origem da Filosofia ou do espírito filosófico é o gradativo abandono das explicações a partir do sobrenatural (mitológico) e o fortalecimento das explicações racionais ou humanas.

Para **Anaxágora**, “tudo era um caos até que surgiu a mente e pôs ordem nas coisas” (apud Teles, 1977, p.9).

DIFERENÇAS ENTRE FILOSOFIA E MITO

Mito	Filosofia
<i>O mito narrava como as coisas eram ou tinham sido no passado imemorial, longínquo e fabuloso.</i>	<i>A Filosofia tem a preocupação em explicar como e por que, no passado, no presente e no futuro (isto é, na totalidade do tempo), as coisas são como são;</i>
<i>O mito narrava a origem através de genealogias e rivalidades ou alianças entre forças divinas sobrenaturais e personalizadas</i>	<i>A Filosofia, explica a produção natural das coisas por elementos e causas naturais e impessoais.</i>
<i>O mito não se importa com contradições, com o fabuloso e o incompreensível,</i>	<i>A Filosofia, não admite contradições, fabulação e coisas incompreensíveis, mas exige que a explicação seja coerente, lógica e racional;</i>

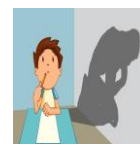
O MITO HOJE

O mito ainda persiste no nosso cotidiano como uma das experiências possíveis do existir humano, expressas por meio das crenças, dos temores e desejos que nos mobilizam. Hoje os mitos não emergem com a mesma força com que se impuseram nas sociedades tribais, porque o exercício da crítica racional nos permite legitimá-los ou rejeitá-los quando nos desumanizam.

Não obstante, os mitos sobrevivem como credices, como invenções inocentes e mal intencionadas. As redes sociais, os meios de comunicação de massa, são o veículo da disseminação dos mitos atuais, pois trabalham sobre os desejos e anseios que

existem na natureza humana, porém, muitos mitos antigos seguem povoando a sociedade humana. Há, por exemplo, quem ainda acredite que a Terra é plana e que leite com manga faz mal à saúde.

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM



7. A importância do mito para os povos antigos devia-se a necessidade de:
 - a) Encontrar respostas as suas indagações quanto a sua existência;
 - b) Divertir e instruir as pessoas nos teatros e espaços públicos;
 - c) Produzir histórias para as colunas de jornais da época;
 - d) Criar pano de fundo para os ensinamentos religiosos;
 - e) Histórias de terror para assustar as crianças.

8. Para os gregos, o mito era um discurso pronunciado para os ouvintes que recebiam como verdadeiras a narrativa, e tinha como função:
 - a) Religiosa, política e pedagógica;
 - b) Eleitoreira, jurídica e educacional;
 - c) Explicar, organizar e compensar;
 - d) Instruir, recrutar e condenar;
 - e) Propaganda, retórica e persuasão.

9. A narrativa do mito era feita por um poeta, que as pessoas acreditavam ser escolhido pelos deuses. Esse poeta era chamado de,
 - a) Filósofo
 - b) Rapsodo
 - c) Logos
 - d) Ironia
 - e) Édipo.

10. A Filosofia é diferente do mito por que, ela:

- a) Não se importa com contradições, com o fabuloso e o incompreensível;
- b) Narrava a origem das coisas por meio de rivalidades ou alianças entre forças divinas;
- c) Vê os deuses como os responsáveis por tudo o que existe e acontece;
- d) Explica, mediante o sobrenatural, o divino e o misterioso, a origem do universo;
- e) Não admite contradições e fabulação, explica coerente, lógica e racional;

Capítulo 4

Natureza e Cultura

Diferença entre Ser Humano Natural e Ser Humano Cultural

FILOSOFIA

O que somos nós, os seres humanos?

Nós somos seres biológicos como os outros animais, da espécie **Homo Sapiens** (expressão que significa “homem sábio” ou “homem que sabe”).



DIFERENÇA ENTRE SER HUMANO NATURAL E SER HUMANO CULTURAL



O ser humano natural (biológico) tem uma série de necessidades, de instinto, que são comuns nos outros animais, como a necessidade de se alimentar, dormir, necessidades fisiológicas, instinto de autopreservação da

vida, o que é comum a qualquer espécie animal.

Mas temos, também, outra dimensão que é natural de nossa espécie, que nos faz diferentes dos outros animais.

Os insetos, como as abelhas, por exemplo, têm uma organização de vida que é padronizada, suas ações são constantes, e boa parte de seu comportamento está vinculado a reflexo e instinto, praticamente igual ao de qualquer outro de sua espécie. Por outro lado, os seres humanos têm um modo de vida distinto, tem a tendência espontânea de investigar, descobrir, sistematizar, enfim, de conhecer o mundo no qual está inserido.

Dessa forma, ultrapassa as fronteiras impostas pela natureza, e tornar-se capaz de transformá-la, edificando dessa forma seu próprio mundo. Durante esse processo, de construção, o homem não estabelece relações somente com a natureza, mas também com os outros membros de sua espécie, que igualmente participa da luta pela sobrevivência.

Assim, a diferenciação do mundo propriamente humano em relação ao mundo dos demais seres vivos é a capacidade que os homens têm de prover sua própria existência, a partir de um relacionamento diferenciado com a natureza.

*“... o mundo humano é o mundo cultural, que vai sendo construído de acordo com as necessidades e os desejos dos grupos e das comunidades. A **cultura** é uma invenção necessária para integrar as pessoas entre si e ao meio ambiente em que vivem, para regular o comportamento, a fim de que nos tornemos humanos, exercitando a razão, a vontade e a imaginação com a liberdade e responsabilidade” (ARANHA e MARTINS, 2005, p.25).*

Capítulo 5 Trabalho e Alienação

História e papéis do Trabalho
Alienação
Trabalho alienado
Tempo livre
Desemprego
Lazer

FILOSOFIA

HISTÓRIA E PAPÉIS DO TRABALHO

Trabalho é qualquer atividade física ou intelectual, realizada pelo ser humano, cujo objetivo é fazer, transformar ou obter algo para realização pessoal e desenvolvimento econômico.

A história do trabalho começa quando o homem busca os meios para satisfazer suas necessidades. Trabalhava-se para produzir o que se consumia: roupas, alimentos, moradia, etc. Para melhorar os processos de trabalho, o homem criou e fabricou instrumentos que foram aperfeiçoados a cada nova geração.

Na medida em que a satisfação é atingida, ampliam-se as necessidades a outros seres humanos e criam-se as relações sociais que determinam a condição histórica de trabalho. Deste modo, o trabalho fica subordinado a determinadas formas sociais historicamente limitadas e as correspondentes organizações técnicas, o que caracteriza o chamado modo de produção.

ALIENAÇÃO

O conceito de alienação está associado ao vazio existencial e a falta de consciência própria, donde a pessoa perde sua identidade, seu valor, seus interesses e sua vitalidade, ou seja, torna-se uma pessoa alheia a si mesma.

TRABALHO ALIENADO

Para Marx a alienação se manifesta na vida do operário quando o produto do seu trabalho deixa de lhe pertencer. Nestas condições:

- O trabalho não depende do próprio trabalhador, depende do proprietário e das condições do trabalho oferecidas por ele. Ao vender sua força de trabalho, o trabalhador não mais decide sobre o salário, o horário e o ritmo de trabalho.
- Os trabalhadores não reconhecem que os produtos produzidos por eles são resultado do seu trabalho. O trabalho "não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades".
- O trabalhador não se reconhece no produto – as condições do seu trabalho, fins reais e valor independem do produtor.

CONSUMO ALIENADO

Consumo alienado é o ato do indivíduo adquirir algo para atender as suas necessidades e seus desejos. Acontece quando os indivíduos bombardeados por propagandas disseminadas pelos meios de comunicação, é convencido a comprar exageradamente. Chega até a adquirir produtos que nem vai utilizar.

Ocorre também, quando o indivíduo compra um produto por estar na moda, mesmo não gostando dele, e o utiliza, para ficar na moda e para demonstrar diferença de status.

TEMPO LIVRE

Lazer alienado é, segundo Karl Marx, uma forma de dominação. Dominação ideológica sobre que tira do homem sua liberdade de escolha do que fazer no seu tempo livre.

Isso ocorre devido à alta produtividade do sistema capitalista e a necessidade do indivíduo como força de produção que faz com que o tempo livre do trabalhador se torne uma extensão do trabalho.

Há também a indústria cultural, que aliena o indivíduo de seu tempo livre, não apenas usando-o como mecanismo produtivo do sistema capitalista, ao mesmo tempo em que cria mercado para os bens ou serviços produzidos, transformando-o em consumidor do que esta indústria produz e oferece.

A indústria cultural e de diversão vende peças de teatro, filmes, livros, shows, jornais e revistas como qualquer outra mercadoria. E o consumidor alienado compra seu lazer da mesma maneira como compra seu sabonete. Consome os “filmes da moda” e frequenta os “lugares badalados” sem um envolvimento autêntico com o que faz.

Agindo desse modo, muitos se esforçam e fingem que estão se divertindo, pensam que estão se divertindo, querem acreditar que estão se divertindo. Na verdade, “através da máscara da alegria se esconde uma crescente incapacidade para o verdadeiro prazer.

DESEMPREGO

O termo desemprego alude à falta de trabalho. Um desempregado é um indivíduo que faz parte da população ativa (que se encontra em idade de trabalhar) e que anda à procura de emprego embora sem sucesso. Esta situação traduz-se na impossibilidade de trabalhar e, isto, contra a vontade da pessoa.

Quando um país enfrenta uma situação de desemprego isso afeta a sua produção econômica, em outras palavras, ela é reduzida. E isso, inclusive, pode levar a um levante político.

Segundo convenções internacionais estabelecidas pela Organização Internacional do Trabalho, um indivíduo é classificado como desempregado quando

está sem trabalho, porém que tenha saído em busca de emprego nas últimas quatro semanas.

LAZER

O lazer (sinônimo de ócio) é o *tempo livre* de que dispõe uma pessoa. Trata-se dos momentos em que não se trabalha ou, pelo menos, não de forma obrigatória.

Pode-se definir-se o lazer como o tempo recreativo que um indivíduo pode organizar e usar da forma que bem lhe apetece. O lazer não só excluiu as obrigações laborais, mas também o tempo despendido para satisfazer necessidades básicas como comer ou dormir.

O uso mais habitual do conceito está associado ao descanso do trabalho. O lazer, por conseguinte, aparece fora do horário laboral ou no período de férias. É importante dar-lhe algum sentido (por exemplo, através da prática de algum desporto, da leitura, dando um passeio ou indo à praia). Caso contrário, é provável que esse tempo livre acabe por se tornar aborrecido.

As atividades que compõem o momento de lazer podem tanto ser feitas em casa, em locais ao ar livre ou em estabelecimentos fechados como um cinema. O importante é que o local proporcione relaxamento e conforto.

Atividades de lazer são constantemente introduzidas no espaço hospitalar para paciente em tratamento. Tais atividades podem ser adaptadas aos interesses do paciente a fim de contribuir com a sua recuperação. Pois elas estimulam o engajamento do paciente quanto ao tratamento e atividades em geral.

Infelizmente, o que se conhece por lazer hoje na realidade é um pouco de trabalho camuflado em atividades que aparentam ser ociosas.

Um dos motivos é porque as forças econômicas se apropriam desse tempo designado ao descanso e induzem o indivíduo a comprar o que hoje é conhecido como lazer, tal como uma viagem ou fazer compras no shopping, por exemplo.

Capítulo 6

Ideologia

Ideologia na Filosofia
O significado positivo de Ideologia
O significado negativo de Ideologia

Ideologia, em um sentido amplo, significa **aquilo que seria ou é ideal**.

Este termo possui diferentes significados, sendo que no senso comum é tido como algo ideal, que contém um conjunto de **idéias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo** de um indivíduo ou de determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas.



Diversos autores utilizam o termo sob uma concepção crítica, considerando que ideologia pode ser um instrumento de dominação que age por meio de convencimento; persuasão, e não da força física, alienando a consciência humana.

O termo ideologia foi usado de forma marcante pelo filósofo Antoine Destutt de Tracy e o conceito de ideologia foi muito trabalhado pelo filósofo alemão Karl Marx, que ligava a ideologia aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante.

De acordo com Marx, a ideologia da classe dominante tinha como objetivo manter os mais ricos no controle da sociedade.

No século XX, varias ideologias se destacaram:

- **Ideologia Fascista** - implantada na Itália e Alemanha tinha um caráter militar, expansionista e autoritário;
- **Ideologia Comunista** - disseminada na Rússia e outros países, visando a implantação de um sistema de igualdade social;

- **Ideologia Democrática** - surgiu em Atenas, na Grécia Antiga, e tem como ideal a participação dos cidadãos na vida política;
- **Ideologia Capitalista** - surgiu na Europa e era ligada ao desenvolvimento da burguesia, visava o lucro e o acúmulo de riqueza;
- **Ideologia Conservadora** - são ideias ligadas à manutenção dos valores morais e sociais da sociedade;
- **Ideologia Anarquista** - defende a liberdade e a eliminação do estado e das formas de controle de poder;
- **Ideologia Nacionalista** - é aquela que exalta e valoriza a cultura do próprio país.

IDEOLOGIA NA FILOSOFIA

Hegel abordou a ideologia como uma separação da consciência em relação a si própria.

Marx utilizou essa concepção hegeliana para diferenciar dois usos diferentes do conceito de ideologia: um que expressa a ideologia como causadora da alienação do homem, através da separação da consciência; e outra que contempla a ideologia como uma superestrutura composta por diversas representações que compõem a consciência.

Para Karl Marx, a ideologia mascara a realidade. Os pensadores adeptos dessa escola consideram a ideologia como uma ideia, discurso ou ação que mascara um objeto, mostrando apenas sua aparência e escondendo suas demais qualidades.

Ideologia no pensamento Marxista (materialismo dialético) é um conjunto de proposições elaborado, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. A manutenção da ordem social requer dessa maneira menor uso da violência.

A ideologia torna-se um dos instrumentos da reprodução do status e da própria sociedade.

Exemplo: *'Todos são iguais perante a lei'* (verdade, numa sociedade burguesa) sugere que todos são iguais no sentido de terem oportunidades iguais (o que é falso, devido à propriedade privada dos meios de produção).

O SIGNIFICADO POSITIVO DE IDEOLOGIA

O primeiro significado de ideologia é um conjunto de ideias que pretende explicar a realidade e as transformações sociais. Neste sentido, é sinônimo de doutrina ou ideário em geral e tem a função de orientar a ação social de indivíduos e de grupos. Aqui, a ideologia tem um caráter descritivo (ela explica como as coisas são) e também normativo (como deveriam ser). Seu uso levou a uma sensação positiva de ideologia como qualquer visão de mundo ou corpo de pensamento filosófico. Por este ponto de vista, a ideologia abrange toda a esfera da cultura, incluindo a ciência, e pode ser vista como um intermediário necessário entre os indivíduos e o mundo.

O SIGNIFICADO NEGATIVO DE IDEOLOGIA

Uma segunda concepção vem do pensamento marxista. Na obra de Karl Marx, a ideologia aparece como algo necessariamente negativo e pejorativo: trata-se da distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e que serve justamente para ocultar ou disfarçar tais contradições.

Neste sentido, a ideologia funciona politicamente como um elemento específico da superestrutura da sociedade. Lembremos que, no pensamento marxista, a superestrutura deriva do conflito de interesses das diferentes classes que fazem parte da base econômica de determinada sociedade. A superestrutura compreende os modos de pensar, as visões de mundo e demais componentes ideológicos de uma classe e tem como função manter as relações econômicas que constituem a infraestrutura,

reforçando assim os interesses coletivos da classe dominante, através da força persuasiva dos seus componentes ideológicos.

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM



11. Ao conjunto de ideias, opiniões e crenças que orientam uma determinada ação, em um sentido amplo, podemos denominar de:
- a) Manual
 - b) Ideologia
 - c) Religião
 - d) Alienação
 - e) Televisão

Capítulo 7 O Conhecimento

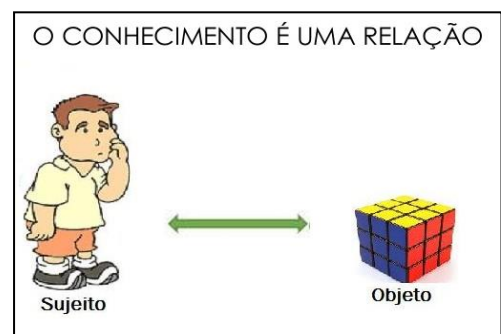
Conhecimento é poder

Os principais tipos de conhecimento

FILOSOFIA

Conhecimento é o ato ou efeito de conhecer, é ter ideia ou a noção de alguma coisa. É o **saber**, a **instrução** e a **informação**.

Conhecimento é a relação que se estabelece entre sujeito que conhece ou deseja conhecer e o objeto a ser conhecido ou que se dá a conhecer. Transformamos constantemente informação em conhecimento quando lemos uma notícia, estudamos atentamente alguma coisa ou mesmo



quando pensamos sobre nós mesmos.

E para que conhecemos? Para satisfazer a nossa enorme curiosidade a respeito das coisas. Engana-se, assim, quem pensa que pertence apenas à classe dos filósofos a tarefa de questionar sobre tudo. Os cientistas, os religiosos e as pessoas em geral formulam perguntas durante toda a sua existência. Isso porque buscar saber mais faz parte da própria natureza humana. Já dizia Aristóteles: “Todos os homens têm, naturalmente, o desejo de conhecer” (Aristóteles, Metafísica)

O **Conhecimento** faz do ser humano um ser diverso dos demais, na medida em que lhe possibilita fugir da submissão à natureza. Quem conhece mais, escolhe melhor, passa segurança ao ouvinte, consegue mais respeito entre familiares, colegas de trabalho e amigos. Também exerce influência sobre as pessoas e muitas vezes se torna mais interessante e conquista melhores salários. A pessoa que possui conhecimento, principalmente se for especialista em um assunto e consegue ter habilidade para colocar em prática, por consequência, consegue com mais facilidade aquilo que deseja.

“*Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los.*”

~ Isaac Asimov ~

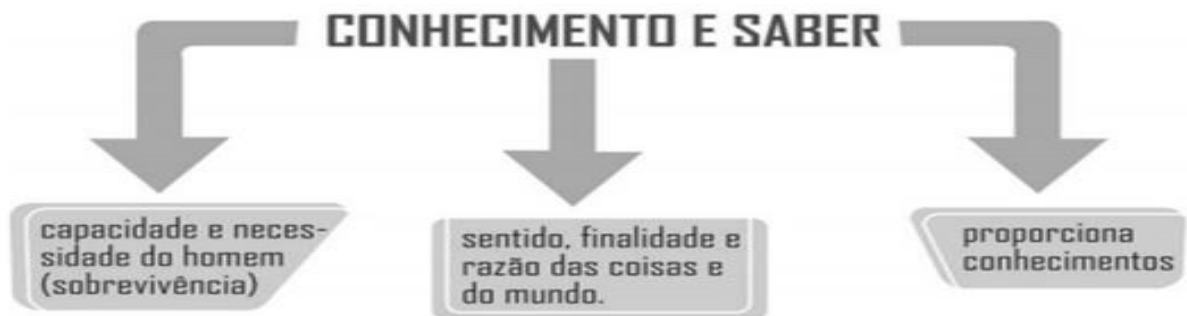
”
SoFrases.com

O conhecimento leva o homem a apropriar-se da realidade e, ao mesmo tempo a penetrar nela, essa posse confere-nos a grande vantagem de nos tornar mais aptos para a ação consciente. Entretanto, pode ter diferentes aplicações, pode ser utilizado para o bem ou para o mal, podendo ser vantajoso para a humanidade ou prejudicá-la definitivamente. A ignorância limita as possibilidades de avanço para melhor, mantém-nos prisioneiros das circunstâncias. O conhecimento tem o poder, é o conhecimento que faz avançar o mundo. O conhecimento tem o poder de transformar a opacidade da realidade em caminho iluminada, de tal forma que nos permite agir com certeza, segurança e precisão, com menos riscos e menos perigos.

Entretanto, hoje uma das maiores fontes do poder é derivada do conhecimento especializado. Estamos vivendo na idade da informação, novas ideias, movimentos e

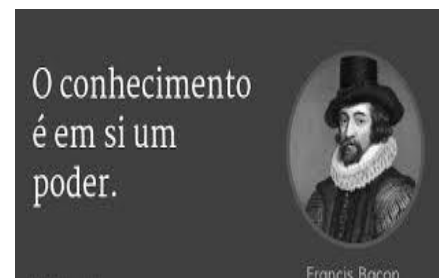
conceitos mudam o mundo diariamente por meio da TV, internet, livros, jornal... nesta sociedade, aqueles que possuem conhecimento especializado e habilidade para colocar em prática, tem aquilo que os reis possuíam: o poder.

Síntese de como ocorre o conhecimento no homem.



CONHECIMENTO É PODER

Se pararmos um pouco para olhar atentamente a história da humanidade, veremos, em quase todas as civilizações, a busca incansável das classes dominantes em instruir-se ao mesmo tempo em que procuram dificultar ou mesmo tornar



criminoso o acesso das massas populares ao conhecimento. Foi assim no Egito, onde a família real e uns poucos privilegiados detinham todo o saber à custa da submissão de seu povo. Foi assim na China Comunista, onde o próprio acesso à informação era limitado por uma censura do Estado como forma de manutenção de poucos indivíduos no poder. Que não nos esqueçamos da nossa própria história recente. Após o Golpe de 64, uma das primeiras ações dos militares foi abolir as disciplinas Filosofia e Sociologia dos currículos escolares e, em grande parte, perseguir os profissionais que se ocupavam de seu ensino, bem como os jovens estudantes que protestavam contra o regime.

Isso tudo por quê? Porque conhecimento e poder sempre mantiveram uma relação estreita. Quem conhece, estuda e desenvolve argumentos está sempre pronto a

questionar. O conhecimento que está a favor das elites revela-se perigoso aos seus interesses, pois constitui um importante fator de desalienação.

Quanto mais sabemos, mais poder teremos. Poder no sentido mais amplo, não significando apenas “ser chefe”. Quem conhece mais escolhe melhor, pois possui mais subsídios e não se deixa levar pela primeira impressão dos fatos. Francis Bacon já preconizava: “Conhecimento é poder. ”

Um conhecimento aprendido em uma Instituição de Ensino é premiado com a famosa certificação. Um diploma ou certificado é muito mais que um papel com letras e assinaturas; trata-se de um reconhecimento social de que o indivíduo domina uma série de saberes e técnicas. Essa é principal característica de um conhecimento formal, o seu exercício encontra-se circunscrito nos limites das Instituições autorizadas a ensiná-lo.



Se não podemos com absoluta convicção afirmar qual dos tipos de conhecimento é o melhor, sabemos que, em uma sociedade moderna, há uma grande valorização daquele adquirido pelos meios formais. Fato simples de se observar: basta comparar os salários de um pedreiro autodidata e de um engenheiro responsável pela obra.

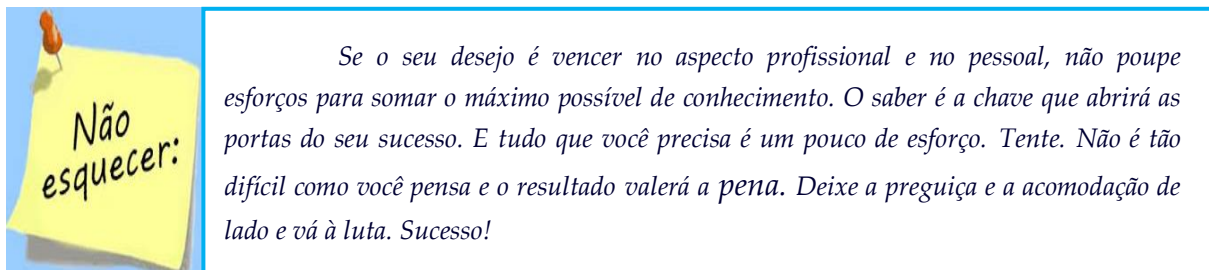
Cada vez mais as empresas, o serviço público, as instituições exigem um nível cultural e educacional maior de seus colaboradores. Mesmo para funções que até há pouco tempo eram ocupadas por pessoas não qualificadas, hoje é exigido no mínimo conclusão do Ensino Médio.

Podemos perceber que a chave do poder é acessível a todos nós, diferente dos tempos antigos, onde as pessoas não tinham muita escolha. Hoje, qualquer um de nós pode ter acesso às várias formas de conhecimento, podemos nos transformar e também

transformar o mundo inteiro assim como fez Steve Jobs, um garoto simples, sem dinheiro que ganhou o mundo. Mostrou-se através da sua história de vida, que todo conhecimento em algum momento da vida pode ser útil.

A verdade é que apenas conhecimento e informação não são suficientes, se fossem, muitas pessoas estariam vivendo a vida de seus sonhos hoje, é preciso mais que isso. É a ação que produz resultados. O conhecimento é apenas um poder em potencial, até que cheguem às mãos de alguém que o transforme em ação efetiva.

Conhecimento só se torna poder quando se ousa e faz acontecer.



Se o seu desejo é vencer no aspecto profissional e no pessoal, não poupe esforços para somar o máximo possível de conhecimento. O saber é a chave que abrirá as portas do seu sucesso. E tudo que você precisa é um pouco de esforço. Tente. Não é tão difícil como você pensa e o resultado valerá a pena. Deixe a preguiça e a acomodação de lado e vá à luta. Sucesso!

Desde seus primórdios, a Filosofia se ocupou do problema do conhecimento. Mas foi somente com a Modernidade que a questão do conhecimento foi devidamente sistematizada. Retomando os antigos, a Filosofia procurou não só saber quantos conhecimentos existiam nem de quantos objetos, mas questionar a sua possibilidade e condições de realização. Eis as perspectivas mais adotadas nesse período:

- **Ceticismo** – posição filosófica que afirma a impossibilidade do homem conhecer seja qual for o objeto, negando a verdade do saber e que tudo em que acreditamos não passa de hábitos. (Hume);

- **Dogmatismo** – posição que afirma ser nossa razão portadora de capacidades inatas para conhecer o mundo, capacidades estas independentes da experiência sensorial. Aqui, o sujeito do conhecimento é valorizado em detrimento da experiência sensível (Descartes, Leibniz);

- **Empirismo** – doutrina que nega a existência de ideias em nossa mente antes de qualquer experiência. Além disso, afirma que tudo que conhecemos tem origem nos

dados dos sentidos. Nessa filosofia, o objeto determina por suas características o conhecimento do sujeito (Hobbes, Locke);

- **Criticismo** – posição que visa ao mesmo tempo criticar as anteriores, porém sintetizando-as. Desenvolvida pelo filósofo alemão Immanuel Kant, visa mostrar as condições de possibilidades que um sujeito tem para conhecer um objeto. Para Kant, não podemos conhecer os objetos em si mesmos, mas somente representá-los segundo formas *a priori* de apreensão da nossa sensibilidade (tempo e espaço). Significa dizer que conhecemos o real não em si, mas como podemos organizá-lo e apreendê-lo segundo modelos esquemáticos próprio do nosso intelecto.

Todo esse desenvolvimento dos filósofos modernos culminou com o debate contemporâneo sobre o conhecer. Até aqui, percebe-se que o conhecimento necessitava de provas e demonstrações racionais tendo um correspondente na realidade que seguisse leis como causalidade, reversibilidade, publicidade etc. Hoje, a ciência cada dia mais especializada se preocupa não em provar uma teoria, mas refutá-la ou falseá-la, pois os critérios de cientificidade dependem da ação do homem ao construir seu mundo e não mais desvendar as leis ocultas da natureza, já que em todos os períodos da história esses critérios são elaborados segundo paradigmas vigentes que influenciam nossa visão de mundo.

OS PRINCIPAIS TIPOS DE CONHECIMENTO

01. Conhecimento Empírico

É o conhecimento adquirido através da observação. É uma forma de conhecimento resultante do senso comum, por vezes baseado na experiência, sem necessidade de comprovação científica. Popular ou vulgar é o modo comum, corrente e espontâneo de conhecer, que se adquire no trato direto com as coisas e os seres humanos, surge da relação do ser com o mundo. As informações são assimiladas por tradição, experiências causais, ingênuas. Não há uma preocupação direta com o ato

reflexivo, ocorre espontaneamente. É caracterizado pela aceitação passiva, sendo mais sujeito ao erro nas deduções e prognósticos. Não está calcada em investigações.

Como exemplo de conhecimento empírico pode-se citar a culinária, pois apesar da existência de receitas visando a garantir que os resultados obtidos sejam sempre os mesmos (os pratos a serem criados), estas se utilizam de formas de medição mal definidas e tempo de preparo incerto, que muitas vezes dependem da intuição do cozinheiro para funcionarem corretamente. Desta forma, não é sempre que os resultados de um “experimento” podem ser repetidos com sucesso.

02. Conhecimento Científico

Engloba todas as **informações e fatos que foram comprovados** com base em análises e testes científicos. Para isso, no entanto, o objeto analisado deve passar por uma série de experimentações e análises que atestam ou refutam determinada teoria.

O conhecimento científico está relacionado com a lógica e o pensamento crítico e analítico. Representa o **oposto do conhecimento empírico e do senso comum**.

O conhecimento científico vai além da visão empírica, preocupa-se não só com os efeitos, mas principalmente com as causas e leis que o motivaram, esta nova percepção do conhecimento se deu de forma lenta e gradual, evoluindo de um conceito que era entendido como um sistema de proposições rigorosamente demonstradas e imutáveis, para um processo contínuo de construção, em que não existe o pronto e o definitivo, por isso, precisa ser provado. É uma busca constante de explicações, soluções e a reavaliação de seus resultados. Este conceito ganhou força a partir do século XVI com Copérnico, Bacon, Galileu, Descartes e outros.

Este conhecimento se bem usado é muito útil para humanidade, porém se usado incorretamente pode vir a gerar enormes catástrofes para o ser humano e tudo mais ao seu redor. Usamos como exemplo a ciência que pode descobrir a cura de uma moléstia que assola uma cidade inteira salvando várias pessoas da morte, mas também, pode destruir esta mesma cidade em um piscar de olhos com uma arma de destruição em massa criada com este mesmo conhecimento.

03. Conhecimento Teológico

Preocupa-se com verdades absolutas, verdades que só a fé pode explicar. É um conjunto de verdades a que os homens chegaram, não com o auxílio de sua inteligência, mas mediante a aceitação de uma revelação divina; tudo em uma religião é aceito pela fé; nada pode ser provado cientificamente e nem se admite crítica, pois o justo viverá pela fé. A revelação é a única fonte de dados. Também conhecido como conhecimento religioso ou místico, ele é baseado exclusivamente na fé humana e desprovido de método e raciocínio. O sagrado é explicado por si só. Não há importância a verificação. Acredita-se que o conhecimento é explicado pela religião. Tudo parte do religioso, os valores religiosos são incontestáveis.

Alguns exemplos de conhecimento teológico são as Escrituras Sagradas, tais como a Bíblia, o Alcorão, a Sagrada Tradição, que reúne decisões de Concílios e Sínodos, as Encíclicas Papais, etc. Também podem ser incluídos como conhecimento teológico os ensinamentos de grandes teólogos e mestres da Igreja.

04. Conhecimento Filosófico

Surge da relação do homem com seu dia a dia, porém preocupa-se com respostas e especulações destas relações. Não é um conhecimento estático, ao contrário sempre está em transformação. Considera seus estudos de modo reflexivo e crítico. É um estudo racional, porém não há uma preocupação de verificação. É o conhecimento que se baseia no filosofar, na interrogação como instrumento para decifrar elementos imperceptíveis aos sentidos, é uma busca partindo do material para o universal, exige um método racional, diferente do método experimental (científico), levando em conta os diferentes objetos de estudo.

O objeto de análise do conhecimento filosófico são as ideias, elas são raciocinadas e dessa maneira os filósofos buscam a verdade. A proposta do conhecimento filosófico é fornecer idéias e conteúdos que transformem a realidade. Esse conhecimento questiona o homem e as coisas da vida. É um conhecimento racional, sistemático, geral e crítico.

Capítulo 8

Lógica e Argumento

O que é Lógica?
O que é Argumento?
Argumentos
Tipos de Argumentos

O QUE É LÓGICA?

A lógica é um campo de estudo da Filosofia que se dedica a entender as relações linguísticas que tornam uma proposição válida ou inválida no interior de um argumento.

Ao usarmos as palavras lógico e lógica estamos participando de uma tradição de pensamento que se origina da Filosofia grega, quando a palavra logos – significando linguagem-discurso e pensamento-conhecimento – conduziu os filósofos a indagar se o logos obedecia ou não a regras, possuía ou não normas, princípios e critérios para seu uso e funcionamento. A disciplina filosófica que se ocupa com essas questões chama-se Lógica. Ela é um dos campos da filosofia, e pode ser considerada uma disciplina introdutória para qualquer estudo filosófico. Isso acontece porque a Lógica lida com raciocínios e argumentos que são partes importantes de qualquer reflexão filosófica.

A lógica é um dos campos da filosofia, e pode ser considerada uma disciplina introdutória para qualquer estudo filosófico. Isso acontece porque a lógica lida com raciocínios e argumentos, e raciocínios e argumentos fazem parte de qualquer reflexão filosófica, seja ela no campo da teoria do conhecimento, da ética, da filosofia política ou da estética.

O QUE É UM ARGUMENTO?

Segundo *Irving Copi*, “Um argumento é qualquer grupo de proposições tal que se afirme ser uma delas derivada das outras, as quais são consideradas provas evidentes da verdade da primeira”.

A argumentação é um recurso que tem como propósito convencer alguém, para que esse tenha a opinião ou o comportamento alterado.

Sempre que argumentamos, temos o intuito de convencer alguém a pensar como nós.

No momento da construção textual, os argumentos são essenciais, esses serão as provas que apresentaremos, com o propósito de defender nossa ideia e convencer o leitor de que essa é a correta.

Há diferentes tipos de argumentos e a escolha certa consolida o texto.

ARGUMENTOS

Na Lógica, um argumento é um conjunto de uma ou mais sentenças declarativas (ou "proposições") conhecidas como premissas, acompanhada de outra frase declarativa que é conhecida como conclusão.

Um argumento dedutivo afirma que a verdade de uma conclusão é uma consequência lógica das premissas que o antecedem.

Um argumento indutivo afirma que a verdade da conclusão é apenas apoiada pelas premissas.

Toda premissa, assim como toda conclusão, - apenas pode ser verdadeira ou falsa; nunca pode ser ambígua.

Em função disso, as frases que apresentam um argumento são referidas como sendo verdadeiras ou falsas, e em consequência, são válidas ou são inválidas.

TIPOS DE ARGUMENTOS

1. Argumento de Autoridade: a conclusão se sustenta pela citação de uma fonte confiável, que pode ser um especialista no assunto ou dados de instituição de pesquisa, uma frase dita por alguém, líder ou político, algum artista famoso ou algum pensador, enfim, uma autoridade no assunto abordado. A citação pode auxiliar e deixar consistente a tese. Não se esqueça de que a frase citada deve vir entre aspas. Veja: O cinema nacional conquistou nos últimos anos qualidade e faturamento nunca vistos antes. “Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” - a famosa frase-conceito do diretor Gláuber Rocha – virou uma fórmula eficiente para explicar os R\$ 130 milhões que o cinema brasileiro faturou no ano passado. (Adaptado de Época, 14/04/2004)

2. Argumento por Causa e Conseqüência: para comprovar uma tese, você pode buscar as relações de causa (os motivos, os porquês) e de conseqüência (os efeitos). Observe:

Ao se desesperar num questionamento em São Paulo, daqueles em que o automóvel não se move nem quando o sinal está verde, o indivíduo deve saber que, por trás de sua irritação crônica e cotidiana, está uma monumental ignorância histórica. São Paulo só chegou a esse caos porque um seleto grupo de dirigentes decidiu, no início do século, que não deveríamos ter metrô. Como cresce dia a dia o número de veículos, a tendência é piorar ainda mais o congestionamento – o que leva técnicos a preverem como inevitável a implantação de perigos. (Adaptado de Folha de S. Paulo. 01/10/2000)

3. Argumento de Exemplificação ou Ilustração: a exemplificação consiste no relato de um pequeno fato (real ou fictício). Esse recurso argumentativo é amplamente usado quando a tese defendida é muito teórica e carece de esclarecimentos com mais dados concretos. Veja o texto abaixo:

A condescendência com que os brasileiros têm convivido com a corrupção não é propriamente algo que fale bem de nosso caráter. Conviver e condescender com a

corrupção não é, contudo, praticá-la, como queria um líder empresarial que assegurava sermos todos corruptos. Somos mesmo?

Um rápido olhar sobre nossas práticas cotidianas registra a amplitude e a profundidade da corrupção, em várias intensidades.

Há a pequena corrupção, cotidiana e muito difundida. É, por exemplo, a da secretária da repartição pública que engorda seu salário datilografando trabalhos “para fora”, utilizando máquina, papel e tempo que deveriam servir à instituição. Os chefes justificam esses pequenos desvios com a alegação de que os salários públicos são baixos. Assim, estabelece-se um pacto: o chefe não luta por melhores salários de seus funcionários, enquanto estes, por sua vez, não “funcionam”. O outro exemplo é o do policial que entra na padaria do bairro em que faz ronda e toma de graça um café com coxinha. Em troca, garante proteção extra ao estabelecimento comercial, o que inclui, eventualmente, a liquidação física de algum ladrão pé-de-chinelo.

4. Argumento de Provas Concretas ou Princípio: ao empregarmos os argumentos baseados em provas concretas, buscamos evidenciar nossa tese por meio de informações concretas, extraídas da realidade. Podem ser usados dados estatísticos ou falsos ou fatos notórios (de domínio público).

Capítulo 9

Filosofia das Ciências

A **Filosofia das Ciências** é o ramo que reflete e questiona a ciência e o saber científico.

A ciência se ocupa de problemas específicos dos fenômenos naturais enquanto a Filosofia se encarrega de estudar os problemas gerais.

A Filosofia das Ciências se ocupa de questionar todos os aspectos do trabalho científico: desde a pesquisa até sua utilidade.

O que distingue a ciência dos demais campos do saber é o método científico que deve ser conduzido de maneira rigorosa e imparcial.

Longe de ser um campo estático, a ciência questiona seus fundamentos e leis já elaboradas.

Filosofia das Ciências é o campo da pesquisa filosófica que estuda os fundamentos, pressupostos e implicações filosóficas da ciência, incluindo as *Ciências Naturais* como a Física e Biologia, e as *Ciências Sociais*, como Psicologia e Economia. Neste sentido, a Filosofia das Ciências está intimamente relacionada à epistemologia e à ontologia. Mais do que tentar explicar, tenta problematizar os seguintes aspectos:

- A natureza das afirmações e conceitos científicos,
- A forma como são produzidos,
- Os meios para determinar a validade da informação,
- Como a ciência explica, prediz e, através da tecnologia, domina a natureza,
- A formulação e uso do método científico,
- Os tipos de argumentos usados para chegar a conclusões,

- As implicações dos métodos e modelos científicos para a sociedade e para as próprias ciências.

Uma visão é que todas as ciências possuem uma filosofia subjacente independente do que se afirme ao contrário.

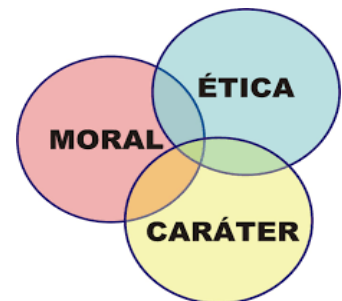
Capítulo 10

Ética e Moral

Diferença entre Ética e Moral
Ética
Objeto da Ética
Moral
Ética, Liberdade e Responsabilidade
O ser humano é sempre livre
Liberdade x Responsabilidade

FILOSOFIA

A Ética pode ser entendida como a ciência que estuda as relações morais dos homens entre si. Originada do grego *ethos* que significa costume, a ética surge para estudar e investigar os princípios, as normas de comportamento, ou seja, as práticas morais e tradicionais consideradas valores que regem as condutas humanas de determinada sociedade. (VAZQUÉZ, 2000).



São dois termos geralmente confundidos. Por serem parecidos, muitas pessoas assumem que o significado seja o mesmo. Embora estejam relacionados, são termos que têm origem bem distinta. Por esse motivo, criamos esse post para te ajudar a entender a diferença entre ética e moral.

DIFERENÇAS ENTRE ÉTICA E MORAL

A palavra ética vem do grego “*Ethos*”, que significa jeito de ser, modo de ser e caráter. Já a palavra moral é de origem latina e vem de “*Morales*”, que tem como significado tudo que é relativo aos costumes. A finalidade da ética e da moral é muito semelhante: ambas contribuem para estabelecer as bases que guiam a conduta do homem e ensinam a melhor forma de agir e de se comportar dentro de uma sociedade.

ÉTICA

“Ética é um conjunto de conhecimentos que são extraídos da investigação do comportamento humano, ao tentar explicar as regras morais de uma forma racional e científica”, explica o professor.

Resumindo, ela é uma **reflexão da moralidade**. A ética nos ajuda a responder perguntas do tipo eu quero? Eu posso? Eu devo?

Se você chegou à conclusão que fazer uma fofoca não é legal, você leva isso para o seu dia a dia e procura agir de forma ética. É comum as pessoas pensarem “não vou me meter, pois é antiético”.

Neste sentido, a ética é um tipo de postura e se refere a um modo de ser, à natureza da ação humana, ou seja, como lidar diante das situações da vida e ao modo como convivemos e estabelecemos relações uns com os outros. É uma postura pessoal que pressupõe uma liberdade de escolha.

OBJETO DA ÉTICA

A ética, enquanto ramo do conhecimento, tem por objeto o comportamento humano do interior de cada sociedade. O estudo desse comportamento, com o fim de estabelecer os níveis aceitáveis que garantam a convivência pacífica dentro das sociedades e entre elas, constitui o objetivo da ética.

MORAL

Moral é um conjunto de regras que são aplicadas ao cotidiano. *“É basicamente quando eu transformo a ética numa estrutura escrita e essas normas passam a ser aplicadas e usadas por todo cidadão. Elas orientam o indivíduo, norteando suas ações, seus julgamentos sobre o que é certo e errado”, completa Eduardo.*

Se muitas pessoas acreditam que fofocar não é legal, com o passar do tempo esse ato entra num consenso geral e estabelece-se que falar dos outros, principalmente no ambiente de trabalho, é imoral.

Entenderam qual a diferença entre ética e moral? Sendo assim, podemos perceber que a ética tem mais a ver com a questão individual, enquanto a moral trabalha com o processo coletivo.

A moral é formada pelos valores previamente estabelecidos pela própria sociedade e os comportamentos socialmente aceitos e passíveis de serem questionados pela ética. Pode-se afirmar que, ao falarmos de moral, os julgamentos de certo ou errado dependerão do lugar onde se está.

A **função** social da **moral** consiste na regulação das relações entre os homens visando manter e garantir uma determinada ordem social, ou seja, regular as ações dos indivíduos nas suas ações mútuas, ou as do indivíduo com a comunidade, visando preservar a sociedade no seu conjunto e a integridade de um grupo social.

ÉTICA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

A palavra responsabilidade, em seu sentido original, deriva do verbo latino *respondere*, responder. Quando falamos que alguém é responsável ou tem responsabilidade sobre alguma coisa, significa que essa pessoa tem condições de pensar sobre seus atos.

Quando uma pessoa tem condições de pensar sobre seus atos, tanto os do passado quanto os do presente, ela pode escolher a forma como agir no futuro. Sobre isso dizemos que a pessoa tem liberdade. Mas os filósofos não chegam a um consenso a respeito da liberdade humana.

O SER HUMANO É SEMPRE LIVRE

Os pensadores que defendem que o ser humano é sempre livre sabem que existem **determinações externas e internas, fatores sociais e subjetivos**, mas a liberdade de decidir sobre suas escolhas é superior à força dessas determinações. Um exemplo que poderia ser dado para entendermos essa noção seria a de dois irmãos que têm a mesma origem social, mas um se torna criminoso e o outro não.

LIBERDADE x RESPONSABILIDADE

É muito importante se procurar ter liberdade com responsabilidade. A liberdade pode ter muitos sentidos - física, civil, de pensamento e expressão, sexual.... Filosoficamente pode se referir à liberdade moral, a capacidade humana para escolher ou decidir racionalmente as causas e conseqüências dos nossos atos. A liberdade e a responsabilidade estão fortemente ligadas, na medida em que só somos realmente livres se formos responsáveis e só podemos ser responsáveis se formos livres. A responsabilidade implica constantemente escolha e decisão racional, o que vai de encontro à própria definição de liberdade. Por outro lado, se não agirmos livremente, não podemos assumir totalmente as conseqüências dos nossos atos. Só o sujeito que é capaz de escolher e decidir racionalmente, com consciência, é capaz de assumir as causas e as conseqüências da sua ação. Além disso, a liberdade e a responsabilidade são essenciais na construção da individualidade, pois somente através da liberdade e da responsabilidade uma pessoa será capaz de se tornar verdadeiramente dona de si.

Capítulo 11

Política e Democracia

Os Filósofos e a Política

Democracia é o **regime político** em que a soberania é **exercida pelo povo**.

A palavra democracia tem origem no grego *demokratía* que é composta por *demos* (que significa povo) e *kratos* (que significa poder). Neste sistema político, o poder é exercido pelo povo através do sufrágio universal.

É um regime de governo em que todas as importantes decisões políticas estão com o povo, que **elegem seus representantes por meio do voto**. É um regime de governo que pode existir no sistema presidencialista, em que o presidente é o maior representante do povo, ou no sistema parlamentarista, no qual existe o presidente eleito pelo povo e o primeiro ministro que toma as principais decisões políticas.

Democracia é um regime de governo que pode existir também, no sistema republicano, ou no sistema monárquico, em que há a indicação do primeiro ministro que realmente governa. A democracia tem princípios que protegem a liberdade humana e baseia-se no governo da maioria, associado aos direitos individuais e das minorias.

A palavra política, que vem do grego, será compreendida que *politika* refere-se aos assuntos da cidade (*pólis*). É neste sentido que, em filosofia política, pergunta-se sobre a natureza das leis, a natureza do governo, a origem da organização social e sobre qual seria a melhor forma de convívio entre os indivíduos. Todos estes temas nos levam a pensar sobre o espaço público, que é o espaço da política.



Platão - o primeiro filósofo a sistematizar uma ideia política.

De acordo com a *filósofa Marilena Chaui*, no livro “Convite à filosofia” diz que o termo política tem três significados relacionados:

- ▶ **Governo:** As pessoas confundem governo com Estado, o governo diz respeito a programas e projetos que partem de uma parte para o todo e o Estado é o conjunto de instituições que permitem a ação do governo.
- ▶ **Atividade específica:** Realizada por profissionais (políticos) que pertencem a um partido e disputam o direito de governar ocupando um cargo.
- ▶ **Pejorativo:** Conduta duvidosa e não muito confiável dos políticos (corrupção), esta é visão mais comum das pessoas sobre a política.

A *Filosofia e a Política* caminham lado a lado na sociedade, elas são indissociáveis de nossa condição social, através dela foram colocadas ideais e práticas sobre os limites e a organização do Estado, as relações entre sociedade e Estado, as relações entre economia e política, o poder do indivíduo, a liberdade, questões de justiça e direito e questões sobre participação e deliberação, por exemplo.

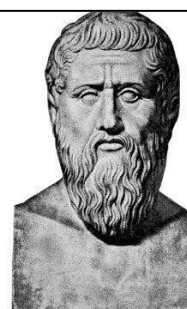
OS FILÓSOFOS E A POLÍTICA

O primeiro filósofo a sistematizar uma idéia política foi **Platão** (428-7 – 348-7 a.C.). Ele escreveu sobre o assunto principalmente em dois livros, *A república* e *As leis*. Nestes livros, apresenta a idéia de que uma sociedade bem

ordenada é aquela onde cada indivíduo desempenha a função na qual é mais habilidoso. Os hábeis com as mãos deveriam ser artesãos, os fortes devem proteger a cidade e os sábios devem governá-la. Platão pensa também sobre como deve ser a educação nesta cidade ideal, para conseguir desenvolver em cada criança o seu potencial a fim de que possa executar melhor a sua função. Cada indivíduo, para ele,

“Quem comete uma injustiça é sempre mais infeliz que o injustiçado”.

-Platão



será livre enquanto estiver cumprindo as leis, criadas com o intuito de melhor conduzir a cidade.

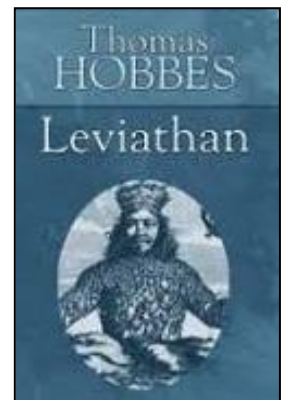
Ainda no mundo grego, *Aristóteles* (384 – 322 a.C.) vai discordar de Platão. Em *Política*, Aristóteles pensa que a cidade ideal de Platão, onde há prioridade daquilo que é público sobre aquilo que é privado, não



O ignorante afirma, o sábio duvida, o sensato reflete.

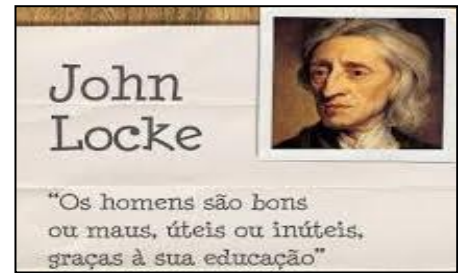
funcionaria muito bem. Para ele, as pessoas dão mais valor ao que pertence a si mesmo, do que ao que pertence a todos. Aristóteles se preocupou menos com hipóteses de uma sociedade perfeita e mais em compreender a realidade política de seu tempo, estudando as leis de diferentes cidades e as formas de governo existentes. A melhor forma de organização política, defendida por ele, é um sistema misto de democracia e aristocracia, chamado *politia*, para evitar os conflitos de interesses entre os ricos e pobres. É dele também a ideia de *que o homem é um animal político*, isto é, que faz parte da natureza humana se organizar politicamente.

A ideia de que é natural se organizar politicamente perdurou até o séc. XVII. *Thomas Hobbes* (1588 – 1679), conhecido por ter escrito *Leviatã*, propôs a ideia de que a sociedade se organiza a partir de um contrato social. Pensou assim, pois é possível imaginar uma hipótese sobre o convívio humano antes da formação das sociedades. Hobbes via esse momento como uma guerra de todos contra todos, onde, em liberdade, cada indivíduo



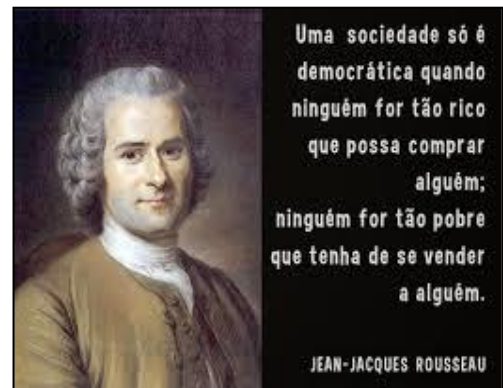
iria apenas pensar em sua conservação. Deste momento, no qual o homem é o lobo do homem, a racionalidade faz o homem perceber que a melhor forma de conservar a sua vida é perdendo um pouco de liberdade. É neste instante que os homens assinam um contrato fictício de convívio social. A partir desta origem da sociedade, Hobbes pensa no melhor governo para evitar o retorno para um estado de natureza caótico. Com isto, vê a garantia da vida como função vital do Estado, que deve defendê-la mesmo que use de seu poder para coagir a liberdade dos cidadãos.

Pensando na ideia de um contrato social, *John Locke* (1632 – 1704), em seus dois tratados políticos, escreveu que antes da formação das sociedades os indivíduos não viviam em guerra, pois estavam debaixo de leis naturais. Para ele, é natural a garantia



da vida e os homens racionais respeitariam esta lei. A formação das sociedades ocorre pela necessidade da garantia da propriedade. O melhor governo, para Locke, é aquele que garanta os direitos à vida, liberdade, propriedade e de se revoltar contra governos injustos e leis injustas.

Ainda pensando sobre a noção de contrato, *Jean-Jacques Rousseau* (1712 – 1778) via o homem vivendo antes da formação das sociedades de forma bem otimista. Para Rousseau, havia terra e alimento para todos e não haveria motivos para que guerreassem entre si. Via no surgimento da propriedade o surgimento da desigualdade, de



onde resultam diversos males sociais, como os roubos e os assassinatos. Neste sentido, sendo impossível retornar a um estado de natureza, o melhor governo é aquele que esteja de acordo com a vontade da maioria.

A forma de pensar dos *contratualistas* (*Hobbes, Locke e Rousseau*) foi retomada no século XX por *John Rawls* (1921 – 2002). Para ele, a sociedade deve basear-se em princípios de justiça escolhidos na fundação da sociedade. Em igualdade, ele pensa, os indivíduos escolheriam dois princípios de justiça, o de liberdades iguais para todos e o de que as desigualdades devem trazer maior benefício para os menos favorecidos e serem acessíveis a todos por igualdade de oportunidade.

Por sua ênfase nas discussões antropológicas e em torno da realidade política ateniense o historiador da Filosofia, *Jean-Pierre Vernant*, chegou a declarar que a Filosofia é "filha da cidade", ou seja, havia uma preocupação por parte de tais pensadores em discutir o papel social e coletivo dos indivíduos e esta preocupação era

tão forte que Aristóteles chegou a definir o homem como um "*zoon politikon*", um "*animal político*".

A ágora (praça pública) era o lugar privilegiado onde o debate em torno dos problemas políticos e sociais enfrentados pelos cidadãos atenienses se realizavam.

Os primeiros grandes mestres do pensamento político foram, sem dúvida, *Platão e Aristóteles*. Ambos procuraram sistematizar suas idéias escrevendo obras cuja importância são reconhecidas ainda hoje, o primeiro, é autor do clássico *A República* e o segundo, autor de *Política*.

Já com o filósofo alemão *Karl Marx* nós encontramos um outro modelo. Pois agora a verdade é a dialética do movimento do mundo material (o mundo das ideias platônico é uma quimera, só existe o mundo sensível, material) histórico e da luta de classes entre opressores e oprimidos. Marx, além disso, denuncia a filosofia que, ocupando-se apenas em interpretar o mundo, esquece de transformá-lo.

A grande contribuição de Marx foi uma profunda análise sobre o sistema capitalista e como esse modelo de organização política e econômica favorece a ampliação das desigualdades sociais. E de como esse modelo revela uma sociedade que não é uma sociedade preocupada com o bem estar geral, é uma sociedade preocupada em vender, a sociedade do lucro, por isso que é a sociedade do capital, não a sociedade do social, é a sociedade que só quer se manter para que cada vez mais seja produzido mais e mais lucro. A sociedade avança muito com a tecnologia, começa a produzir muito, mas o social fica para trás.

A ideia de que o homem é livre e o Estado existe apenas para garantir o direito à vida, à liberdade e o direito da propriedade faz com que Locke seja considerado o pai do liberalismo político. A ideia de que essa liberdade tem que ser garantida dentro das relações de mercado, ou seja, o Estado tem que intervir o mínimo possível na economia faz com que Adam Smith seja considerado o pai do liberalismo econômico. E a crítica a este pensamento é feita por Karl Marx. Mas a ideia de que a propriedade privada é algo natural e tem que ser garantida pelo Estado é criticada antes mesmo de Marx, por *Jean-*

Jacques Rousseau. O primeiro homem que cercou um lote de terra e disse “isso aqui é meu”, afirma Rousseau, causou um dos maiores males para a humanidade, pois com a surgimento da propriedade privada teve origem as desigualdades sociais. Rousseau estabelece dessa forma a instituição da propriedade privada e da desigualdade social como o principal problema da organização política

No renascimento o pensamento político de Nicolau Maquiavel caracterizou-se pela reflexão crítica sobre o poder e o Estado. Em “*O Príncipe*”, *Maquiavel* defende a constituição de um estado forte e aconselha o governante a preocupar-se em conservar o Estado, pois

O PENSAMENTO POLÍTICO
NA HISTÓRIA

MAQUIAVEL:

os fins justificam os meios

- É considerado o **fundador do pensamento político moderno**, porque desenvolveu a sua filosofia política em um quadro teórico completamente diferente do que se tinha até então.
- Maquiavel observou que havia uma distância entre o **ideal** de política e a **realidade** política de sua época.
- Por isso escreveu o livro *O príncipe* com o propósito de tratar da política tal como ela se dá, ou seja, sem pretender fazer uma teoria da política ideal, mas, ao contrário, compreender e esclarecer a política real.

na política o que vale é o resultado. O príncipe deve buscar o sucesso *sem se preocupar com os meios*. Com Maquiavel surgiram os primeiros contornos da doutrina da razão de estado, segundo a qual a segurança do estado tem tal importância que, para garanti-la, o governante pode violar qualquer norma jurídica, moral, política e econômica.

Max Weber traz duas concepções de política. A primeira diz que “por política entenderemos tão somente a direção do agrupamento político hoje denominado *Estado ou a influência que se exerce nesse sentido*”. Nessa concepção, torna-se viável e tolerável o uso da força ou violência pelo Estado para a garantia do seu poder, soberania e ideais. Na Segunda, entende por política “o conjunto de esforços feitos com o objetivo de participar do poder ou influenciar a divisão do poder, seja entre Estados, seja no interior de um único Estado”. Dessa maneira, para Max Weber “qualquer homem que se entrega a política aspira ao poder”. O Estado consiste apenas em uma relação de dominação do homem pelo homem.

Através destes pensadores, a filosofia se projeta para o campo da política, para pensar os desafios do convívio sóciopolítico, enfrentar e debater de perto a lógica das regras que devem presidir o jogo das relações políticas, para propor-se a avaliar o confronto de valores na esfera pública, para pôr às claras a presença do

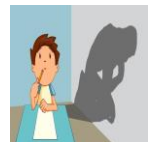


mecanismo *Ideológico* como mascarador do poder nas relações sociais, para apresentar a utopia que guia o raciocínio em direção a ruptura com as mazelas do sistema estabelecido quando apresenta traçado um Estado Ideal, para criar alternativas reflexivas e críticas para a superação da crise política e se debruçar sobre as formas de Estado.



Enfim, homem sendo um ser social, necessita seguir uma ordem política, fundamentadas em normas jurídicas, que o oriente nas relações entre governantes e governados. Estabelecendo a ordem social e política e visando o bem comum. Finalidade única do poder institucionalizado.

ATIVIDADE DE APRENDIZAGEM



Nas alternativas abaixo, marque apenas uma alternativa correta:

12. O filósofo que escreveu o livro *Leviatã* foi:

- a) John Locke
- b) Adam Smith
- c) Hanna Arendt
- d) Thomas Hobbes
- e) Jean-Jacques Rousseau

13. Por sua ênfase nas discussões antropológicas em torno da realidade política ateniense, qual pensador chegou a declarar que a Filosofia é "filha da cidade".

- a) Adam Smith
- b) Karl Marx
- c) Nicolau Maquiavel
- d) John Locke
- e) Jean-Pierre Vernant

14. Foi o primeiro pensador a fazer distinção entre a moral pública e a moral particular e o primeiro defensor da autonomia da esfera política, sobretudo em relação à moral e a religião.

- a) Karl Marx
- b) Nicolau Maquiavel
- c) John Locke
- d) Max Weber

15. Para ele, a sociedade deve basear-se em princípios de justiça escolhidos na fundação da sociedade.

- a) John Rawls
- b) John Locke
- c) Thomas Hoobes
- d) Adam Smith

16. Afirmava que a Filosofia que, ocupando-se apenas em interpretar o mundo, esquecia de transformá-lo.

- a) Karl Marx
- b) John Locke
- c) Max Weber
- d) Thomas Hoobes

17. Segundo ele o melhor governo é aquele que esteja de acordo com a vontade da maioria.

- a) Max Weber
- b) Adam Smith
- c) John Locke
- d) Jean-Jacques Rousseau

18. Para ele o melhor governo é aquele que garanta os direitos à vida, liberdade, propriedade e de se revoltar contra governos injustos e leis injustas.

- a) Adam Smith
- b) Max Weber
- c) Thomas Hobbes
- d) John Locke

19. Coloque (C) para as alternativas CERTAS e (E) para as alternativas ERRADAS:

- a) () *A Filosofia e a política caminham lado a lado na sociedade, elas são indissociáveis.*
- b) () *Conforme o contexto histórico, social e político, a expressão "participação política" se presta apenas a uma interpretação.*
- c) () *Os filósofos sempre se preocuparam com a questão social e pensaram à respeito.*
- d) () *Os primeiros grandes mestres do pensamento político foram, sem dúvida, Platão e Aristóteles.*
- e) () *Em Política, Aristóteles pensa que a cidade ideal de Platão, onde há prioridade daquilo que é público sobre aquilo que é privado, não funcionaria muito bem.*
- f) () *Para Karl Marx os fins justificam os meios.*
- g) () *A participação política do cidadão designa apenas uma atividade que é votar.*
- h) () *Maquiavel rejeita os sistemas utópicos, a política normativa dos gregos e procura a verdade efetiva, ou seja, como os homens agem de fato.*
- i) () *Thomas Hobbes afirmava que a melhor forma do homem conservar a sua vida é perdendo um pouco de liberdade.*

Responda:

20. Quais as duas concepções de política de Max Weber?

21. Quantos e quais são os significados que a filósofa Marilena Chauí atribui ao termo Política?

22. Explique como é possível encontrar um certo realismo político nas análises da pensadora contemporânea Hanna Arendt.

23. O que era a Politia defendida por Aristoteles?

24. Com que se preocupa a Filosofia Política?

25. Qual foi a grande contribuição de Marx para a sociedade?

Capítulo 12

Cultura

Fenômeno Social

A definição de cultura é complexa, mas que é vivenciada no dia a dia por todos nós. Trata-se do **conjunto de conhecimentos**, valores, símbolos, tradições, idéias, costumes e práticas que se tornam características de um grupo, seja ele familiar, social, étnico, religioso e assim por diante.

Esse conhecimento nem sempre é formal — ninguém precisou fazer um curso para aprender a cultura de seu próprio povo. Ela foi transmitida para as gerações seguintes no cotidiano: na conversa, nas atividades diárias, nas festas e comemorações, no exemplo das outras pessoas.

De uma forma completamente diferente do que muitos pensam, não existem pessoas com mais ou menos cultura, ou mesmo culturas inferiores ou superiores. Toda sociedade possui um conjunto único de valores, que foi construído através de sua história e deve ser compreendido e respeitado.

FENÔMENO SOCIAL

Há estudiosos que veem na obra de arte uma manifestação pura e simples da sensibilidade individual do artista. Outros a encaram como uma atividade plenamente lúdica, gratuita, livre de quaisquer preocupações utilitárias ou condicionamentos exteriores à sua própria criação.

Não é preciso negar totalmente a validade de cada uma dessas concepções para reconhecer na atividade artística outra característica importante: o fato de que a arte é

um **fenômeno social**. Isso significa que é praticamente impossível situar uma obra de arte sem estabelecer um vínculo entre ela e determinada sociedade. A arte é fenômeno social por que *o artista é um ser social* — como ser social, o artista reflete na obra de arte sua maneira própria de sentir o mundo em que vive, as alegrias e as angústias, os problemas e as esperanças de seu momento histórico.

Capítulo 13

Estética

Atualmente, o termo “estética” é considerado pelo senso comum como algo meramente referente à beleza corporal e à forma. “Centro de estética e beleza”, “cuidados com a estética”, “estética facial” e “estética corporal” são algumas expressões usadas e não apresentam o caráter filosófico próprio do termo, visto muitas vezes como dissociado de uma ciência.

A estética é o campo da Filosofia que reflete e permite a compreensão do mundo pelo seu aspecto sensível.

O ser humano, desde a antiguidade, se volta para as questões estéticas e de percepção sensorial, além de atribuir valor às produções humanas, o que inclui a arte. A arte é o meio pelo qual o homem expressa um conceito e se manifesta, desde os primórdios até a atualidade. Os alunos fazem parte de um mundo constituído, sendo necessária a reflexão tanto sobre a arte em si quanto às questões relacionadas à Estética.

Voltada principalmente para a beleza e à arte, a Estética está intimamente ligada à realidade e às pretensões humanas de dominar, moldar, representar, reproduzir, completar, alterar, apropriar-se do mundo como realidade humanizada. Na

contemporaneidade, a Estética nos conduz para além do império da técnica, das máquinas e da arte como produto comercial, ou do belo como conceito acessível para poucos, na busca de espaço de reflexão, pensamento, representação e contemplação do mundo.

GABARITO

01. E
02. A
03. D
04. B
05. C
06. E
07. A
08. C
09. B
10. E
11. B
12. D
13. E
14. B
15. A
16. A
17. D
18. D
19. a) (C) b) (E) c) (C) d) (C) e) (C) f) (E) g) (E) h) (C) i) (C)
20. *A primeira diz que "por política entenderemos tão somente a direção do agrupamento político hoje denominado 'Estado' ou a influência que se exerce nesse sentido". E a segunda entende por política como "o conjunto de esforços feitos visando a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder, seja entre Estados, seja no interior de um único Estado".*
21. São três: (1) **Governo:** As pessoas confundem governo com Estado, o governo diz respeito a programas e projetos que partem de uma parte para o todo e o Estado é o conjunto de instituições que permitem a ação do governo; (2) **Atividade específica:** realizada por profissionais (políticos) que pertencem a um partido e disputam o direito de governar ocupando um cargo. (3) **Pejorativo:** Conduta duvidosa e não muito confiável dos políticos (corrupção), esta é visão mais comum das pessoas sobre a política.
22. *Analisa a aproximação entre filosofia e política e entende que o político e o filósofo não se confundem, pois enquanto um busca um conhecimento abstrato e complexo sobre algo que é uma espécie de ser, o outro se preocupa com as ações, atos e posicionamentos que uma pessoa deve ter.*
23. *Segundo ele era a melhor forma de organização política, defendida por ele, que consistia em um sistema misto de democracia e aristocracia, para evitar os conflitos de interesses entre os ricos e pobres.*
24. *Preocupa-se com a natureza das leis, a natureza do governo, a origem da organização social e sobre qual seria a melhor forma de convívio entre os indivíduos.*
25. *Sua grande contribuição foi uma profunda análise sobre o sistema Capitalista e como esse modelo de organização política e Econômica favorece a ampliação das desigualdades sociais. E de como esse modelo revela uma sociedade que não é uma sociedade preocupada com o bem estar geral, é uma sociedade preocupada em vender, a sociedade do lucro, por isso que é a sociedade do capital, não a sociedade do social, é a sociedade que só quer se manter para que cada vez mais seja produzido mais e mais lucro.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ☞ TELES, Antônio Xavier. INTRODUÇÃO AO ESTUDO DE FILOSOFIA. 15ª ed. São Paulo: Ática 1977
- ☞ PCN Ensino Médio. **CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS** Vol. 3. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- ☞ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando: **introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 2003.
- ☞ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.
- ☞ CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003
- ☞ CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.
- ☞ COTRIM, Gilberto. FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA. São Paulo: Saraiva, 2002.
- ☞ AZAMBUJA, Darcy. Teoria Geral do Estado, 38ª ed., Editora Globo, Porto Alegre, 1998
- ☞ ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. Teoria Geral do Estado, Editora Saraiva, São Paulo, 1994
- ☞ DALLARI, Dalmo de Abreu. Elementos de Teoria Geral do Estado, 20ª ed., Editora Saraiva, 1998
- ☞ BOBBIO, Norberto. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Tradução de Daniela Beccaccia Versiani. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.
- ☞ GARCIA, José Roberto e VELOSO, Valdecir da Conceição, EUREKA: Construindo Cidadãos Reflexivos. Florianópolis: Sophos, 2007.
- ☞ HEERDT, Mauri Luiz. Pensar do Para Viver: Alguns Caminhos da Filosofia. 5ª ed. Florianópolis, SC. Sophos, 2005.

☞ HEERDT, Mauri Luiz. Construindo Ética e Cidadania todos os dias. Florianópolis, SC. Sophos, 2005.

☞ IGLÉSIAS, Francisco. Trajetória política do Brasil: 1500-1964. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

☞ JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

☞ MAAR, Wolfgang Leo. O que é política. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

☞ NOVAES, Adauto. Ética. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

☞ TUGENDHAT, Ernest. Lições sobre ética. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

☞ Caderno do Professor: Filosofia, Ensino Médio – 1ª Série, Volume 2. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton Luis Martins, Luiza Christov, Paulo Micelli, Renê José Trentin Silveira, - São Paulo; SEE, 2009.

☞ Caderno do Professor: Filosofia, Ensino Médio – 1ª Série, Volume 3. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Adilton Luis Martins, Luiza Christov, Paulo Micelli, Renê José Trentin Silveira, - São Paulo; SEE, 2009.

☞ Disponível em:

<http://criticanarede.com/politica.html>

<http://www.fflch.usp.br/df/cefp/>

<http://www.ufjf.br/eticaefilosofia/>

